

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

Sexualidade na Escola: História, Gênero e Padrões Heteronormativos¹

Franciele Rocha de Oliveira²

Giovan Sehn Ferraz³

Roselene Pommer⁴

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, RS.

Resumo

Este trabalho visa refletir a importância do desenvolvimento de ações pedagógicas sobre o tema sexualidade no espaço escolar e a sua possibilidade de relação com o ensino de História, discutindo novas abordagens didáticas em torno da questão. A reflexão proposta parte do relato de três experiências de oficinas realizadas por acadêmicos do Curso de História, bolsistas do subprojeto “História e Educação: Os Meandros do Ensino Formal”, integrante do Programa de Iniciação à Docência – PIBID – da Universidade Federal de Santa Maria, e que foram propostas a estudantes do 5º e 6º anos do ensino fundamental da Escola Estadual Edna May Cardoso.

Palavras-chave: História; Sexualidade; Oficinas Pedagógicas.

Introdução

A cada dia, em média, 2.175 mulheres telefonam para o 180 denunciando que são vítimas de violência. Em 89 % dos casos, o agressor é o companheiro ou ex-companheiro da mulher. 50% das vítimas dizem estar correndo risco de morte. (BERLOWITZ, 2013).

Vivemos, atualmente, um período marcado pela intensificação das lutas de movimentos feministas e LGBTs⁵ por direitos civis iguais e respeito às diversidades sexuais, num fluxo uníssono contra expressões de machismo e intolerância às diversidades sexuais. Por outro lado, os números dessas expressões, os números da violência, continuam aumentando ano a ano. Compreendemos que a escola não é um mundo à parte da sociedade e dos processos históricos, e sim, integra o corpo social, refletindo suas

¹ Trabalho apresentado no GT 2 – Relatos de Experiências: Atividades Interdisciplinares de Comunicação do II Encontro de Educomunicação da Região Sul. Ijuí/RS, 27 e 28 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação - História - UFSM - Bolsista PIBID/CAPES, email: franciele.r.oliveira@gmail.com

³ Estudante de Graduação - História - UFSM - Bolsista PIBID/CAPES, email: giovansf@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Colégio Técnico Industrial de Santa Maria e do Curso de História da UFSM, email: roselenepommer@ctism.ufsm.br

⁵ Segundo o Manual de Comunicação LGBT, durante a I Conferência Nacional GLBT, promovida pelo Governo Federal em Brasília, decidiu-se pelo uso da terminologia LGBT para identificar a ação conjunta de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

problemáticas. Por isso, não pode manter-se alheia ao universo do qual faz parte. A diversidade sexual existe também dentro da escola e, aí também existem manifestações de preconceito, discriminação, homofobia, machismo e violência. Dessa forma, concebe-se a importância de se trabalhar o tema *sexualidade* através dos papéis heteronormativos sob uma perspectiva histórica, contribuindo, assim, para a formação de uma geração menos intolerante, menos opressora e menos violenta para com mulheres e LGBTs, bem como mais respeitosa às diferenças humanas em geral.

Objetivos

Visamos, com este trabalho, oferecer elementos para a discussão sobre a importância do desenvolvimento de trabalhos pedagógicos que estimulem reflexões em torno do tema sexualidade nos espaços escolares, bem como a importância de relacionar este com o ensino de História. As reflexões propostas partem de experiências em oficinas realizadas na Escola Edna May Cardoso, com enfoque aos padrões heteronormativos frente ao processo histórico de luta por direitos e respeito às mulheres e à diversidade sexual, enfatizando o fato de que tais grupos sociais ainda sofrem violência e discriminação cotidianamente.

Métodos e técnicas utilizados

As experiências pedagógicas as quais nos referimos foram realizadas sob a forma de oficinas, fundamentadas teoricamente em Corrêa (2000), sendo desenvolvidas por um ou maisicineiros como atividades que se contrapõem à organização tradicional da sala de aula. As oficinas deram-se em turno inverso ao da aula, sendo de caráter livre e aberto (não obrigatório e não seriado), priorizando-se sempre a dialogicidade⁶ entre estudantes e bolsistas e buscando romper a estrutura hierárquica do conhecimento. Para a primeira oficina, organizamos estudantes e bolsistas em círculo sentados no chão, cuidando para que ficassem distribuídos entre meninos e meninas e, no centro, disponibilizamos uma caixa com brinquedos tradicionalmente idealizados como “de meninas” e “de meninos”, a qual foi passada entre os estudantes para que cada um escolhesse um brinquedo. Perguntamos então, qual nome poderiam dar ao brinquedo, o que ele fazia, para que servia e como se brincava com o mesmo. Então, pedimos aos

⁶ Usa-se a o termo na perspectiva apresentada por Flávia Heloísa Caimi (2008), em **Aprendendo a ser professor de História**, ao dialogar com o pensamento de Mikhail Bakhtin.

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

participantes que dessem seu brinquedo para o colega da direita, de sexo oposto), e perguntamos se haviam gostado do brinquedo que receberam, se brincariam com ele e como seriam vistos se estivessem brincando com o mesmo. Montamos, então, no centro, a palavra geradora “Sexualidade”. Dividimo-nos em grupos e problematizamos como a dinâmica anteriormente feita se relacionava com o tema da sexualidade, discutindo diversos assuntos afins que surgiam no decorrer dos diálogos. Por fim, pedimos aos estudantes que fizessem desenhos relativos ao tema. A segunda oficina começou com o jogo do “pode crê”: organizamos, ao chão, três oficinas em espaços distintos no salão intitulados “pode crê”, “nada a vê” e “se pá”, sendo estes relativos a “concordo”, “discordo” e “talvez”, respectivamente. Para o jogo, os bolsistas leram sentenças machistas, homofóbicas e racistas, ao que para cada uma os estudantes deveriam se posicionar de acordo com suas opiniões. Ao fim da dinâmica, as sentenças foram problematizadas em discussão com os estudantes, utilizando-se das sentenças racistas, em especial, como argumento histórico para as mudanças sociais que ocorrem no decorrer do tempo. No final da oficina, pedimos aos estudantes que novamente fizessem desenhos, desta vez priorizando-se também palavras. Para a terceira oficina realizamos jogos teatrais como aquecimento para o jogo de mímica, que foi feito com palavras sugeridas tanto pelos bolsistas quanto pelas crianças, relacionadas ao tema sexualidade, como Machismo, Homofobia, Homem, Mulher e Gay. A proposta de trabalho com mímicas, além de desenvolver os conceitos, foi para perceber a forma como os estudantes representariam tais conceitos e os valores e significados a eles atribuídos. Ao fim das mímicas dos estudantes, os bolsistas fizeram uma mímica com a palavra "criança", com a qual se tentou perceber se eles se sentiriam representados por essa mímica. Assim, introduzimos questões sobre: como homens, mulheres e homossexuais são representados em nossa sociedade, mídias e senso comum? Quais imagens construímos dessas pessoas? Tais imagens condizem com a realidade histórica, são ofensivas?

Sustentou-se grande parte do diálogo com imagens acerca de outros estereótipos: do brasileiro, do gaúcho, da loira. Por fim, encerramos a atividade com a "dinâmica do muro falso", uma reprodução do muro da escola na parede do salão, onde, imaginando

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

que estavam no muro da escola, pedimos que os estudantes representassem suas compreensões acerca das discussões sobre gênero, sexualidade e estereótipo, por meio de desenhos ou palavras.

Descrição e discussão do processo de experiência

Importante destacar a validade dos processos educativos com características informais dentro dos espaços formais de ensino, envolvendo, portanto, o contra turno, atividades livres não seriadas e principalmente relacionadas a temas escolhidos pela comunidade escolar. As oficinas de alguma forma nos mostram novas possibilidades de diálogo dentro das escolas. Um espaço aberto, baseado fundamentalmente no desejo dos participantes em estarem participando. Não por acaso cerca de 30 estudantes estiveram envolvidos com a temática, em especial aqueles do 6º ano, considerados pelos professores como “alunos difíceis de serem motivados”.

Por outro lado, é também importante destacar a linha tênue entre as consideradas práticas informais, como oficinas, e as práticas tradicionais tão arraigadas nos espaços formais de ensino, eis um dos nossos principais desafios, eixo originário também de muitas das nossas dificuldades no sistema educacional. Segue, portanto, uma série de reflexões acerca dos processos experienciados nas oficinas acima descritas.

Resultados

Em se tratando de um processo educativo que visa à autonomia dos envolvidos, é difícil falar em “resultados” no sentido mais acadêmico do termo e de aparência em curto prazo. Os resultados de tais experiências relatadas não são tangíveis como os resultados que seriam obtidos através de uma experiência química, por exemplo. O “sucesso” do trabalho do educador muitas vezes não é visível no momento em que se dá a experiência. Quantas vezes nos “cai a ficha”, de repente, a respeito de algo que um professor nos falou há anos atrás?

Ao se trabalhar educação, autonomia, crítica, reflexão, se trabalha com visão de mundo. Visão de mundo não é algo que muda do dia para a noite, é um processo que está em constante metamorfose, sendo influenciado por muitos fatores. A educação e as experiências com que trabalhamos certamente fazem parte destes fatores. Como medir quanto mudou a visão de mundo de uma pessoa? Certamente, trata-se de uma pergunta

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

bastante complicada. Porém, não podemos deixar de perceber alguns “resultados” do trabalho desenvolvido, principalmente aqueles concernentes ao planejamento e atuação dos oficinairos. Na primeira oficina, a dinâmica não funcionou como tínhamos imaginado, pois não pensamos que as crianças não teriam paciência de esperar e escutar cada uma das outras 21 crianças responder às perguntas que fazíamos. O imediatismo era um elemento presente que se tornou um problema. As respostas às perguntas claramente eram muito interessantes para nós, oficinairos, mas para os participantes, que nem sabiam ainda o porquê destas perguntas, elas não eram. Já na segunda oficina, tivemos outro equívoco no planejamento: a dinâmica do “pode crê”, que já havíamos utilizado em outro momento com uma turma do PROEJA (Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade Educação de Jovens e Adultos), não funcionou tão bem com as crianças, pois se trata de um jogo “de confronto” em que, conforme relatado acima, os participantes se distribuem de acordo com suas opiniões e, então, as defendem contra os argumentos contrários. Talvez até por causa da idade, percebemos que as crianças (entre 10 e 11 anos) demonstravam bastante dificuldade em defender suas posições e, muitas vezes, rapidamente trocavam de lado ao primeiro argumento contrário, induzidas pelo pensamento dos oficinairos, que no momento representava o professor. Percebemos também, nesta atividade, certo “dualismo” no pensamento das crianças, isto é, elas pensam a partir de categorias de “certo e errado” e tem dificuldades em vencer essa dualidade. Na terceira oficina, a relutância e a dificuldade apresentadas pelas crianças em representar no jogo de mímica algumas palavras, como homofobia, homem, mulher e gay, nos surpreendeu, ao mesmo tempo em que nos alertou para o fato de que o tema ainda precisa ser trabalhado mais profundamente.

Quanto às respostas das crianças às ações, pensamos que o principal foi a presença delas, a disponibilidade apresentada, pois, como o trabalho se deu em turno inverso, com caráter aberto e não obrigatório, é sempre um feedback positivo o fato de os participantes voltarem para as oficinas, acordando cedo, muitas vezes no frio, deixando de fazer outras coisas (possivelmente até mais divertidas para elas) para virem às

II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS - 27 e 28 de junho de 2013

oficinas, desconstruindo argumentos tradicionalmente utilizados que colocam a culpa da falha do processo educativo nos estudantes, que não querem aprender.

Considerações Finais

Como dissemos anteriormente, é difícil avaliar o quanto as atividades ofertadas em forma de oficinas contribuíram para a mudança, para o combate e para a superação de ideias e ações preconceituosas. Disponibilizamos um espaço em que este tema - a sexualidade, terreno tão delicado nas interações humanas, tanto na família quanto na escola - fosse abertamente dialogado. Em suma, compreendemos as oficinas sempre com no mínimo dois sujeitos que se comunicam e dialogam entre si, um que planeja a atividade e outro que tem a oportunidade de participar ativamente. Porém, não é parte de nosso projeto e concepção de educação obrigar este sujeito a participar ou mesmo ser autônomo, ser crítico, ser sujeito ativo na oficina. O que fazemos com as oficinas é propiciar um espaço aberto para que isso aconteça.

Referências

BERLOWITZ, P. (2013). **Marcha das Vadias 2013 de São Paulo será no Sábado, 25 de maio**. Acedido em: 27, maio, 2013, em: <http://www.marchadasvadias.org/2013/05/24/marcha-das-vadias-2013-de-sao-paulo-sera-no-sabado-25-de-maio/>.

CAIMI, F.E. **Aprendendo a ser professor de história**. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2008.

CORRÊA, G.C. **Oficina: novos territórios em educação**. Em: CORRÊA, G.C.; LUENGO, J.M.; MONTERO, E.G.; PEY, M.O. *Pedagogia Libertária: experiências hoje*. São Paulo: Imaginário, 2000.

HENRIQUES, R.; BRANDT, M.E.A.; JUNQUEIRA, R.D.; CHAMUSCA, A. (orgs.) **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: SECAD/Mec, 2007.

MARTINS, F.; FREITAS, D.; FELDKERCHER, N. **Oficinas pedagógicas: instrumento de valorização da diversidade no ambiente escolar**. Curitiba: PUCPR. Artigo publicado no IX Congresso Nacional de Educação em 2009.

MARTINS, F.; ROMÃO, L.; LINDNER, L.; REIS, Toni. **Manual de Comunicação LGBT**. Curitiba: Ajir, 2009.

Plano de Trabalho PIBID. **Projeto História e educação: os meandros do ensino formal**. Edital n° 02/2009- CAPES/DEB.



II Educom Sul

Educomunicação e Direitos Humanos

Ijuí - RS – 27 e 28 de junho de 2013

RIBEIRO, J. S. B. **Brincadeiras de meninas e de meninos**: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. Cadernos Pagu, n. 26. Campinas, jan./jun. 2006.

SOARES, I.O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUSA, L.B.; FERNANDES, J.F.P.; BARROSO, M.G.T. **Sexualidade na adolescência**: análise da influência de fatores presentes no contexto familiar. Acta Paul Enferm [periódico na internet]. 2006.